



**Reminiscências
da livraria
importadora
Leonardo da
Vinci na vivência
político-cultural
da cidade do Rio
de Janeiro**

Flavia Baptistini ¹

**Memoirs of the
importing bookshop
Leonardo da Vinci at
the political-cultural
living of Rio de
Janeiro**

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v8n13.2017.70569>

¹ Mestra em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas – CPDOC/FGV-RJ. Email: flaviabaptistini@gmail.com

Resumo:

Este artigo pretende resgatar aspectos determinantes na trajetória e na identidade da livraria importadora Leonardo da Vinci. Sediada na cidade do Rio de Janeiro, esteve por mais de sessenta anos sob o comando da mesma família, até ser vendida no início de 2016. Como parte integrante da memória cultural da cidade - bem como outras livrarias antes dela - contribuiu não só para a produção e o fomento do conhecimento humanístico na antiga capital da República, como ensejou formas de sociabilidade de uma série de intelectuais residentes na cidade durante a segunda metade do século XX e início do século XXI.

Palavras-chave: História Editorial, Livrarias, Livraria Leonardo da Vinci, Memória e cidade, Rio de Janeiro.

Abstract:

This article aims to rescue Leonardo da Vinci Bookshop's prevailing factors of its path and identity. The Bookshop based in Rio de Janeiro, which had been in the care of the same family for more than sixty years until the beginning of 2016, when it was sold and redesigned. As part of the city's memory - as well as other previous bookshops - Leonardo da Vinci enabled not only the production and the development of the humanistic knowledge in the old Republic capital, but also promoted ways of sociability of several scholars living in Rio de Janeiro during the second half of the 20th century and the beginning of 21st century.

Keywords: Publishing History, Bookshops, Leonardo da Vinci Bookshop, Memory and city, Rio de Janeiro.

Introdução

Estão as livrarias com seus dias contados? Serão elas vítimas da passagem do tempo, responsável por atualizar algumas práticas enquanto descarta outras consideradas *démodés* ou anacrônicas? Qual o papel que as “novas” livrarias exercem na vivência contemporânea das cidades? E de que forma estes pequenos espaços em vias de extinção, anteriormente considerados centros de atividades intelectuais e de sociabilidade¹, estão ligados às “identidades”² e às memórias de suas cidades?

Com base nestas indagações iniciais, interessei-me pelo caso da Livraria Leonardo da Vinci, cujo fim foi amplamente divulgado na imprensa do Rio de Janeiro ao longo de 2015. A longevidade da casa e a comoção em torno do seu fechamento foram os gatilhos iniciais do projeto: um tradicional espaço de venda de livros, localizado no centro do Rio de Janeiro, parecia fazer parte da “memória ameaçada” de uma certa comunidade carioca, formada por algumas gerações de intelectuais, artistas, políticos e estudantes.

Além de terem sido *locus* de vivência e sociabilidade em tempos passados, as pequenas unidades varejistas dedicadas à venda de livros atendiam a perfis de leitores diversificados e espalhados geograficamente. Para tanto, acolhiam não somente os livros candidatos a *best-sellers*, segmento facilmente encontrado em qualquer rede varejista (THOMPSON, 2013, p.33-45), mas também àqueles livros destinados a interesses específicos, contribuindo na preservação da bibliodiversidade³ (GERLACH, 2006).

Nessa perspectiva, os estudos sobre as livrarias brasileiras visam colaborar não somente com a historiografia da indústria do livro no país ou com a memória cultural das cidades, mas também contribuir com o debate sobre a importância desses locais para o fortalecimento de ambientes letrados culturalmente diversificados e conseqüentemente para a ampliação da base de leitores e da prática de leitura.

Este artigo, produzido a partir da dissertação “Livrarias, Memória e Identidade: A Importação de Livros no Brasil e a Trajetória da Livraria Leonardo da Vinci no Rio de Janeiro”, propõe-se a compilar algumas das descobertas que circundaram a questão central da pesquisa: Quais aspectos da sua trajetória foram fundamentais à sua longa existência e à posição prestigiosa que conquistou perante a comunidade de intelectuais, acadêmicos e literatos?

¹A noção de sociabilidade aqui empregada refere-se as relações de convivência e laços formados entre os pares (GOMES apud AGULHON, 1993, p. 75-76).

²A noção de identidade, aqui empregada e aplicada à Livraria Leonardo da Vinci e às cidades, refere-se ao conjunto de características intrínsecas ao indivíduo ou adquiridas através da interação social, muitas vezes contraditórias e fragmentadas, que compõem a noção de sujeito pós-moderno (HALL, 2006).

³O termo bibliodiversidade designa a diversidade cultural aplicada ao livro, segundo a declaração de 2007 da Alliance Internationale des Éditeurs Indépendants, uma associação sem fins lucrativos, fundada em 2002, regida por leis francesas, que reúne grupos de editores independentes de 45 países da África, América, Europa e Ásia, com o objetivo de proteger e promover a bibliodiversidade.

Como fontes foram utilizadas entrevistas em profundidade com indivíduos que fizeram parte da trajetória da livraria, entre os quais a fundadora e seus filhos, ex-funcionários e ex-clientes⁴; coleta e análise de material documental relacionado à família e ao seu envolvimento com atividades políticas durante a ditadura militar (1964- 1985), de posse da família e de instituições arquivísticas, dentre elas o Arquivo Nacional (AN), Arquivo do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)⁵; além de análise de periódicos⁶ da cidade do Rio de Janeiro, ao longo da segunda metade do século XX e início do século XXI, acessíveis via Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e Fundação Casa de Rui Barbosa.

De início serão apresentados os principais acontecimentos que marcaram a trajetória “da casa” ao longo de seis décadas (1952-2016), bem como alguns vestígios do envolvimento da livraria com incidentes políticos durante o regime militar. Na sequência, atributos constitutivos da “identidade” da livraria, entre eles a atuação da livreira Vanna Piraccini e algumas das principais práticas administrativas, comerciais e sociais que a consagraram; e para finalizar uma análise dos elementos determinantes ao capital simbólico constituído e mantido pela “casa”.

Cronologia dos principais acontecimentos na história da casa importadora

Após a euforia dos “anos dourados” para a indústria editorial nacional, a iminência de uma outra crise antes da chegada dos anos cinquenta já preocupava os empresários do setor, com a estagnação do mercado interno e o acirramento do cenário competitivo, decorrentes da intensa atividade das casas editoras nacionais na década anterior e da diminuição da tiragem média dos livros lançados (HALLEWELL, 2012, p. 569).

Economicamente, a taxa cambial e a inflação desfavoreciam a indústria nacional – em 1945 o preço do livro nacional havia aumentado 80% em relação aos importados, em comparação com os do ano 1939 - fortalecendo novamente o segmento do varejo dedicado à importação. As vantagens concedidas ao mercado de importação de livros foram ampliadas ao longo da década de 1950, quando o governo adotou um sistema de licenças de importação, e logo depois, as taxas múltiplas de câmbio, uma espécie de subsídio cambial ((HALLEWELL, 2012, p. 571-572).

⁴Entre os entrevistados constam os professores universitários Arno Vogel e Severino Bezerra Cabral Filho, o historiador e pesquisador Vicente Saul Moreira dos Santos, o ex-curador do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) Pedro Martins Xexeo, o jurista Alfredo José Neto e a livreira Margarete Cardoso, além da fundadora Vanna Piraccini, seus filhos Milena Piraccini Duchade e Florin Piraccini Duchade e os ex-funcionários George Gould, Gilda de Almeida Lucas, Mario Sergio Santos da Costa e Renato Alexandre.

⁵Foram consultados os acervos do Sistema Nacional de Informação (SNI) em posse do AN e o acervo do DOPS em posse do APERJ, entre janeiro e fevereiro de 2017, ambos sediados na cidade do Rio de Janeiro.

⁶Entre eles o Jornal do Commercio, Jornal do Brasil, O Globo, Correio da Manhã, Diário Carioca, Diário de Notícias e Tribuna da Imprensa entre as décadas de 1950 e 2010, através de busca por palavras-chave no acervo digital.

Ambas as medidas acabaram beneficiando enormemente o negócio de importação de livros, a ponto destes serem vendidos no Brasil por metade do preço praticado em seus países de origem. Tais decisões minaram a já pequena exportação de livros brasileiros e catalisaram o aumento das importações. Em 1951 houve um salto de 50% na importação de livros, atingindo quase mil e quinhentas toneladas; em 1953, elas chegaram a duas mil toneladas:

O efeito final dos impostos alfandegários e da taxa do dólar foi tornar mais barato, durante a maior parte da década de 1950, importar livros do que importar papel para imprimi-los. E como os direitos de tradução deviam ser pagos pela taxa cambial plena, também era muito mais barato importar um livro estrangeiro em tradução publicada em Lisboa do que adquirir esses direitos e produzir uma versão brasileira...O resultado inevitável foi que a maior parte das editoras estrangeiras passou a vender os direitos de tradução para a língua portuguesa apenas a editoras de Lisboa ou do Porto (HALLEWELL, 2012, p. 573-574).

Nesse contexto, árido para a indústria nacional e fértil para as importações, surgiu a livraria importadora Leonardo da Vinci. Pode-se dizer que o novo estabelecimento nasceu a partir de outra livraria já existente, a Nova Galeria de Arte - localizada num anexo do Hotel Copacabana Palace - que vendia livros importados, raridades e peças de arte aos clientes endinheirados do complexo hoteleiro.

O romeno Andrei Duchiade chegou ao Brasil em 1949 vindo de Paris, convidado pelo primo Trajano Coltzesco a trabalhar na Nova Galeria de Arte. Após ter-se estabelecido, ele vai buscar a ítalo-romena Vanna Piraccini, desembarcando juntos em terras brasileiras em dezembro de 1951⁷. Logo após chegar à cidade o casal quis ampliar o alcance do ofício para além dos salões luxuosos da capital federal; com esta disposição, abriram uma nova loja para a venda de livros importados.

Assim, em 1952, o casal imigrante iniciou as atividades da Livraria Leonardo da Vinci em uma pequena sala no 18º andar do Edifício Delamare, na Avenida Presidente Vargas. Eles eram os responsáveis pelo dia a dia do negócio, que contava com mais três sócios engenheiros. O nome dado à livraria decorreu da admiração que a única sócia mulher tinha pelo mestre renascentista desde a época escolar, em evidência naquele ano pela comemoração dos 500 anos de seu nascimento.

Embora tenha sido concebida como casa importadora de livros desde o início, a inclinação às humanidades e às artes ainda não tinha se firmado quando a livraria foi

⁷Consta no Arquivo Nacional o registro da chegada de Andrei Duchiade e Vanna Piraccini, provenientes de Gênova e desembarcados no Porto do Rio de Janeiro, em 04 de novembro de 1951 no vapor Flórida.

fundada. Durante os primeiros anos de existência, a maioria dos livros ofertados eram técnicos e científicos, ligados a áreas de Engenharia, Química, Administração e Finanças⁸. Desde o seu primeiro anúncio, a livraria era apresentada como “casa especializada em livros técnicos e científicos, franceses e ingleses”, e assim permaneceu ao longo de toda a década de 1950. Somente na década seguinte, a livraria iria ao encontro do ar cosmopolita e da oferta humanística que a consagrou.

A inclinação à produção editorial francesa, aos seus pensadores e publicações, esteve presente na Da Vinci desde a sua fundação e é parte constitutiva de sua trajetória (MACHADO, 2012. p. 265). Isto se deu em parte pela influência que a produção intelectual francesa exercia (e ainda exerce) no mundo ocidental e no ambiente intelectual e acadêmico brasileiro; e em parte pelas inclinações dos proprietários e escolhas de “Dona Vanna”, que chegou a cursar parte do curso de Línguas Neolatinas na Université de Paris-Sorbonne (período impreciso).

Em 1956, os proprietários decidiram mudar-se para a primeira galeria subterrânea do Rio de Janeiro, no subsolo do recém-inaugurado exemplar do modernismo brasileiro, o Edifício Marquês de Herval, obra do escritório de arquitetura MMM Roberto, localizado na artéria central da cidade, na Avenida Rio Branco, 185. Nesta mesma década, a livraria viveu seus primeiros ímpetus expansionistas, com a abertura de filiais em Copacabana (1954), na Galeria Alaska, e em Porto Alegre (1957), na Rua Salgado Filho, iniciativas que sobreviveram por um curto período de tempo.

Além destas experimentações iniciais, o casal decidiu apostar na atividade editorial, fundando, no início da década de 1960, a Scala Editora. A primeira publicação foi a Coleção Madrigal, com 10 contos clássicos infantis adaptados para o português, organizados por Lucia Benedetti - professora, escritora e precursora da dramaturgia infantil no país. Entre eles figuravam *Pinocchio* de Carlo Collodi, *A ilha do Tesouro* de Robert Louis Stevenson, *O Rouxinol e outros contos* de Hans Christian Andersen. Não obstante, as vendas fracassaram e o estoque vendido logo depois.

Segundo a fundadora, este lançamento foi principal causador da falência da livraria, que perdera, num curto espaço de tempo o capital de giro necessário para as compras e os pagamentos das faturas (CABRAL, 2016). Em extrema dificuldade financeira, já que as dívidas assumidas no pedido de concordata impediam a livraria de encomendar livros, a livraria sofreu seu segundo revés, em meados de 1965, com a morte repentina do Sr Andrei Duchade, em decorrência de um choque anafilático, após ser picado por abelhas que cultivava em seu apiário em Nova Friburgo.

Este incidente trágico foi o ponto de virada da livraria, quando “Dona Vanna” assumiu os negócios em definitivo. Ela passou os anos seguintes organizando a vida financeira da livraria com aportes de recursos próprios advindos da família, proveniente da

⁸ Jornal do Commercio, 1950-1959.

alta burguesia bolonhesa (PIRACCINI, 2016). Aos poucos, as dívidas foram sanadas e a oferta revista e ampliada. A livraria testemunhou sua primeira florada no final da década de 1960 e início da década de 1970 quando passou a ser considerada representante da vanguarda do pensamento humanístico europeu na forma de publicações impressas (CABRAL, 2012).

Pensadores e correntes filosóficas ligadas ao estruturalismo, pós-estruturalismo e marxismo; obras de Merleau-Ponty, Levis-Strauss, Jacques-Marie Émile Lacan, Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jacques Lacan; livros da Siglo 21, Maspero, Les éditions sociales. Entre as editoras, as francesas Gallimard, Hachette, Flammarion ou Martinière, e as italianas como Mondadori, entre outras.

Embora “Dona Vanna” tivesse adotado uma postura conciliadora e diplomática no trato com os clientes e na escolha dos livros que ofertava (DUCHIADE, F., 2016) – o que a fez estabelecer boas relações tanto com os dirigentes e apoiadores do regime quanto com os dissidentes e perseguidos pelo mesmo – a proprietária disponibilizava publicações consideradas subversivas, com convicção e desenvoltura.

Fosse pelo fato de se antecipar aos desejos de seus clientes-leitores, fosse por inclinação pessoal da livreira, a Da Vinci ficou conhecida como um dos locais de acolhimento do pensamento político de esquerda em território brasileiro, num mundo cindido pela Guerra Fria. Fazendo jus à fama, o estabelecimento abrigou intelectuais perseguidos pelo regime, tais como Arno Vogel e Manuel Mauricio de Albuquerque, à época, respectivamente, bacharel e professor de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ (IFCS). O período mais crítico de censura à livraria ocorreu entre 1969 e 1973 (MACHADO, 2012, p. 334-339), após a instauração do AI-5.

Embora alguns carregamentos de livros tenham sido censurados, considerados proibidos e retidos na alfândega do Porto, muitas vezes a partir de critérios arbitrários como a imagem, cor ou título da capa, a Da Vinci continuou a comprar legalmente e a exibir os livros considerados “incendiários”, a exemplo das principais obras da literatura marxista, Lenin, Trotski, Mao Tse Tung, Marta Harnecker (DUCHIADE, 2016). Segundo relatos da ex-proprietária e de antigos funcionários, a livraria era mantida sob vigilância pela polícia encarregada de levantar informações sobre os movimentos de resistência ao regime (PIRACCINI, 2016).

Em seis de dezembro de 1973, houve o incêndio que destruiu todo o acervo, estoque e mobiliário. Embora nunca tenha sido provado, e naturalmente ninguém tenha sido responsabilizado, suspeita-se que o incêndio da livraria tenha acontecido de forma deliberada, após um início acidental na boate do outro lado do corredor da galeria. Como indicativos de ato criminoso, os vestígios do incêndio – a vitrine foi quebrada e um grande armário que se localizava ao fundo arrastado para a parte frontal da loja – além da memória da livreira, que se recorda dos gritos que ouviu quando saiu à porta da livraria naquele dia fatídico: “– Russa Comunista!”.

Anos depois, em uma visita à livraria, o General Golbery afirmou saber da injustiça vivida por ela, numa espécie de *mea culpa* velada. Segundo depoimento da fundadora (PIRACCINI, 1998), antes do incêndio ela já estava sendo intimidada por contatos telefônicos, e já tinha sido convocada a comparecer à sede do DOI-CODI para prestar esclarecimentos sobre um livro enviado a ela e confiscado na Alfândega. Era o livro *Pour la libération du Brésil* (1970), escrito pelo amigo Conrad Detrez, em colaboração com Carlos Mariguella.

As ameaças foram explicitadas nos seis meses posteriores ao incêndio, numa tentativa de demovê-la da ideia de reabrir a “casa”: “*Se você reabre a sua.... [impublicável] de livraria nós te assassinamos*” (PIRACCINI, 1998). Em 1981, Mivaflor, o sítio da família em Nova Friburgo, foi invadido pela polícia política, sob a alegação de que ali se realizavam encontros e treinamentos do grupo armado MR-8. O caseiro foi preso, as armas antigas e o material de propaganda política foram apreendidos.

Através da pesquisa documental, realizada nos acervos do AN e do APERJ foi possível revelar fragmentos dos acontecimentos que envolveram a livraria e a família neste período. Grande parte do material encontrado no Arquivo Nacional diz respeito às atividades político-partidárias da filha primogênita, Milena Piraccini Duchiate, ativista estudantil e posteriormente militante do Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), e se concentram no final da década de 1970 e década de 1980.

Na pesquisa realizada no APERJ, foram encontrados aproximadamente quinze documentos relacionados ao nome da livraria ou da família fundadora, confirmando as descobertas feitas no acervo do SNI: o interesse dos órgãos de inteligência nas atividades políticas de Milena e do filho caçula, Florin Piraccini Duchiate, fichados como membros do MR-8, e o envolvimento da livraria em ocorrências ocasionais de censura aos livros considerados “perigosos”.

Embora a maioria dos documentos encontrados aponte para um monitoramento esporádico das atividades da livraria, e relacione os filhos da fundadora aos movimentos políticos de oposição ao regime, não existem evidências da participação direta da livraria ou da livreira em tais atividades. Não há qualquer evidência que incêndio tenha sido criminoso, encomendado pelas forças policiais repressoras que atuavam no período, bem como nenhuma prova do envolvimento de Vanna Piraccini com o comunismo ou com as forças opositoras ao regime. Pode-se dizer, contudo, que há, sim, indícios de alguma proximidade com estes movimentos, pela via familiar ou social, através das redes de sociabilidade construídas na circulação ensejada pela livraria.

Logo após o incêndio começaram as notícias⁹ de que um grupo de intelectuais cariocas, entre clientes e amigos da casa, a partir de uma reunião na casa de Plynio Doyle, advogado e bibliófilo brasileiro, mobilizar-se-iam para ajudá-la a reerguer a livraria. Através

⁹ Publicadas nos periódicos Correio da Manhã, Diário de Notícias e Jornal do Brasil entre dezembro de 1973 e janeiro de 1974.

de um fundo financeiro, sob a guarda de Athos Gabriel Pereira, então presidente do Sindicato Nacional de Livreiros e Editores, eles emprestariam uma determinada quantia, convertida em créditos futuros, a serem gastos futuramente na livraria após o restabelecimento das atividades. Muitos dos clientes em débito, eram quase quatro mil contas, procuraram quitar suas dívidas neste período.

Como colaboração à retomada das atividades, o artigo de Carlos Drummond de Andrade intitulado “Aquela Livraria” no Jornal do Brasil do dia 15 de dezembro de 1973, incitava os amantes dos livros a este ato de boa-fé, amor à cultura e gratidão pelos fundamentais serviços prestados pela casa, na formação cultural de gerações de estudantes, acadêmicos, literatos e escritores.

Passados alguns dias do incidente, a livreira alugou uma sala na Rua da Ajuda, à época chamava-se Melvin Jones, e com os livros que ainda estavam parados na alfândega, reiniciou provisoriamente a sua operação, às vésperas do Natal, e ali permaneceu até a reinauguração da sede em agosto de 1974.

Pode-se considerar o incêndio como o fechamento de um ciclo e o início de uma fase de grande prosperidade para a livraria. Após este evento traumático, que contabilizou uma perda humana - um homem que fazia reparos nas dependências da loja - e perdas materiais significativas, a livraria nunca mais sofreu nenhum tipo de ameaça ou incidente¹⁰ que pudesse ser atribuído à perseguição política ou à censura. Foi também o decênio em que a Livraria consolidou seu prestígio como uma das casas livreiras mais importantes do país, com uma projeção, até então, restrita aos círculos dos *habitués* e eruditos, frequentadores usuais deste tipo de estabelecimento.

As décadas de 1980 e 1990 foram um período de prosperidade financeira e reconhecimento fora do campo. Foi quando a livraria aumentou seu capital através da compra de imóveis adjacentes, chegando a ter cinco lojas e 400 metros quadrados (MACHADO, 2012, p. 334-339), além das salas destinadas ao estoque e à administração, em outros andares do mesmo edifício. Na década de 1980 foi eleita a melhor livraria da cidade através de enquete feita pelo Jornal do Brasil com 20 consultados, dentre os quais 18 votaram nela. Em 1993, na sondagem realizada pela Folha de São Paulo, a Leonardo Da Vinci aparece na liderança nacional (MACHADO, 2012, p. 334-339).

Em 1997, Milena Piraccini Duchiede, filha primogênita, passa a trabalhar na livraria e vai aos poucos assumindo a função de livreira-chefe. Isto acontece num momento de grande mudança para o varejo livreiro, com a expansão da Amazon (fundada em 1994) e a consolidação das redes de livrarias no país, que estavam inaugurando suas primeiras *megastores* em território nacional.

¹⁰ Outro incidente envolvendo a polícia política passou longe da livraria e esteve relacionado ao material apreendido no sítio da família em Nova Friburgo, na década de 1980.

Sob o novo comando algumas atualizações e modificações no negócio da livraria foram feitas: a casa foi reformada e o sistema informático atualizado; um catálogo com maior participação de livros nacionais foi desenvolvido. Novas filiais foram abertas: a Piccola Da Vinci, no Shopping Gávea (1998) em parceria com o sócio Wilson Nogueira Rodriguez, e no MAM (2004); foi lançado em 2003 o Baú do Leonardo (2003), iniciativa que procurava atender os alfarrabistas e aproveitar o estoque vultoso que a livraria ainda mantinha. Estes últimos foram empreendimentos significativos, porém de curta duração, pois não conseguiram ser financeiramente sustentáveis.

Em 2002, a livraria celebrou seus 50 anos com um ciclo de palestras intitulado *Cinco décadas em questão* sobre temas dominantes em cada uma das décadas, e uma exposição de livros raros, cartas e fotos de Carlos Drummond de Andrade. Antes do final da primeira década do novo milênio, a livraria já enfrentava dificuldades financeiras, que foram sendo vencidas pelas injeções constantes de recursos financeiros pessoais da fundadora e algumas rajadas de lucro, como uma grande encomenda feita pelo Instituto Superior Metropolitano de Angola, em Luanda (DUCHIADE, 2016). Nos anos que se seguiram, como forma de honrar os compromissos assumidos e manter a livraria aberta, seus ativos foram pouco a pouco vendidos.

Além das mudanças que começaram a ocorrer no varejo livreiro no Brasil a partir do final do século XX e o aprofundamento destas na entrada do século XXI, a reboque do que já vinha ocorrendo em toda a cadeia de produção do livro em mercados mais maduros (THOMPSON, 2013), outros fatores podem servir de argumentação para as dificuldades vividas pela Da Vinci: uma nova gerência com outra concepção do negócio e estilo de liderança; a estabilidade econômica vivenciada com o advento do Plano Real (1994) incentivando o turismo internacional e o acesso a bens de consumo comprados diretamente no exterior, bem como a intensificação de fluxo financeiro, comercial e cultural entre os países - processo conhecido como Globalização.

Para concluir, é possível refletir sobre o seu declínio a partir de uma possível lógica inerente ao desenvolvimento do campo de produção erudita, segundo a análise de Pierre Bourdieu presente na obra *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário* (1996), aplicada à trajetória das editoras francesas e que poderia, com as devidas licenças, ser aplicada ao caso da Leonardo da Vinci e que será melhor explicitada em momento posterior.

Uma editora que entra na fase de exploração do capital simbólico acumulado faz coexistir duas economias diferentes, uma voltada para a produção e a pesquisa (e, na Gallimard, a coleção fundada por Georges Lambrichs), a outra orientada para a exploração do acervo e para a difusão dos produtos consagrados (com coleções como "La pleiade" e sobretudo "Folio" ou "Idees"). Concebem-se facilmente as contradições que resultam das incompatibilidades entre as duas economias: a organização que

convém para produzir, difundir e promover uma categoria de produtos é inadaptada para a outra; além disso, o peso que as exigências da difusão e da gestão fazem pesar sobre a instituição e sobre os modos de pensamento dos responsáveis tende a excluir os investimentos arriscados, quando os autores que os poderiam ocasionar não se voltaram por antecipação para outros editores. Não é preciso dizer que, se pode acelerá-lo, o desaparecimento do fundador não basta para explicar tal processo, que está inscrito na lógica do desenvolvimento das empresas de produção cultural. (BOURDIEU, 1996, p. 166, grifo do autor)

No início de 2016 concretizou-se a venda da Leonardo da Vinci a Daniel Bandeira Louzada, mais uma vez, escapando do seu fim do seu fim e renascendo para uma outra fase, próximo capítulo de uma história marcada por ciclos e intermitências.

Atributos constitutivos da livraria: a livreira e suas práticas

Vanna Piraccini nasceu em quatorze de janeiro de 1926, na cidade de Bolonha, capital política e centro comercial da região da Emília-Romanha, na Itália. A família abrigava, de um lado, o estilo de vida da alta-burguesia italiana, e de outro os valores rigorosos das culturas norte-europeias, como a sobriedade e a disciplina. Vanna, bem como sua irmã mais velha, viveram a infância sob os cuidados dos avós (DUCHIADE, M, 2016). “Dona Vanna” atribui sua formação ao seu avô materno, um professor de latim severo que lia Goethe e outros clássicos alemães para a neta, além de fazê-la praticar o latim à mesa, durante as refeições (PIRACCINI, 2016).

Aos 18 anos, ingressou na Universidade de Bucareste para estudar Línguas Neolatinas, onde permaneceu por dois anos. Em dezenove de outubro de 1946, aos 20 anos, Vanna casou-se com Constantin Calmuschi, em Bucareste, na Romênia, num enlace de curta duração. Após essa data, há uma lacuna de informação de aproximadamente cinco anos em sua trajetória, onde alega-se que tenha vivido em Roma, Paris e Londres, nesta última cidade por um curto período de tempo. Sabe-se que neste período conheceu Andrei Duchiaide, terminou o casamento e decidiu seguir o companheiro rumo ao novo continente.

Nos primeiros anos de sua nova rotina no Brasil, dividia-se entre as tarefas domésticas e a função de compradora da livraria. Mesmo trabalhando em regime parcial, dedicava-se ao contato com as editoras e, aos poucos, foi conquistando a confiança e o respeito da clientela. A morte do companheiro¹¹, em meados de 1965, obrigou-a a assumir integralmente o destino da Da Vinci e da família.

¹¹ Eles nunca foram casados segundo as leis brasileiras, pois a Lei do Divórcio só seria promulgada no Brasil em 1977. No entanto, o divórcio foi assinado num tribunal parisiense no dia 15 de junho de 1959. Em 1963 e 1964,

Como medidas inaugurais à frente do negócio, ela comprou a participação dos sócios¹² e decidiu ampliar a oferta da Da Vinci. Através de novas editoras de países que já constavam timidamente do acervo, entre eles a Itália, Espanha, Portugal e principalmente aquelas oriundas dos Estados Unidos, com obras muito mais em conta que as similares inglesas. No início da década seguinte, os negócios começaram a prosperar e ela a se firmar como livreira respeitada.

Então você tem aí um intervalo de 8 anos entre a morte do meu pai e o incêndio da livraria, quando a livraria se consolida e saneia do ponto de vista financeiro. Minha mãe muito mais agressiva do ponto de vista comercial: “- Vamos importar da Itália, da Espanha e de Portugal. Porquê? Porque ela conhecia as pessoas nas feiras [...] Ela tinha uma postura mais inteligente, mais ousada, mais aberta. Ela entendeu que o livro americano era muito mais barato que o livro inglês [...]” (DUCHIADE, M., 2016, grifo nosso).

Foram também os anos em que a livreira pôde desenvolver com mais autonomia seu estilo de trabalho e consolidar sua marca pessoal no exercício do ofício. Ao longo dos anos, ela não só aprimorou as habilidades esperadas de um bom livreiro - a procura constante de bons títulos, o conhecimento da clientela e a forma de atendê-la - mas incorporou outras.

A sensibilidade na composição do catálogo é um exemplo. Na busca pelas obras, além de feiras internacionais, as viagens e visitas às editoras eram frequentes. Os livros, escolhidos de forma quase artesanal, não serviam somente para satisfazer o desejo dos clientes, tinham a finalidade também de apresentar novas ideias ao público frequentador - prática que serviram à modelagem de suas habilidades às vicissitudes da profissão.

Contrariando a autoimagem da livreira (PIRACCINI, 2016), mais próxima daquela de um editor - um agente movido por objetivos econômicos e culturais, pois muitas vezes, se sente responsável politicamente pela comunidade ou sociedade em que vive (BRAGANÇA, 2001, p. 57-83) - do que a de um próspero comerciante, pode-se afirmar que “Dona Vanna” foi uma bem-sucedida empresaria.

os periódicos nacionais oficiais publicavam notícias sobre o processo de homologação do divórcio em terras brasileiras, sentença estrangeira de número 1859. No entanto, existem documentos e notas jornalísticas que atribuem a Vanna Piraccini o sobrenome do marido, Duchiaide.

¹² Oficialmente, ela retirou os sócios José Francisco Coelho e Antonio Rotundo somente em 1976 (Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1976. Junta Comercial). Em 1977, ela criou uma nova empresa chamada Nova Livraria Leonardo da Vinci e inseriu seus dois filhos como sócios do empreendimento (Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 5 de julho de 1977, Junta Comercial).

Sem intenção de refutar a importância da “missão” da qual se sentia imbuída, a livraria é lembrada pelos ex-funcionários - entre eles George Gould (2017), Gilda de Almeida Lucas (2016) e Florin Piraccini Duchiate (2016) - como uma administradora habilidosa. Para ilustrar, um pequeno compilado destas iniciativas: o gerenciamento das dívidas de acordo com a flutuação da taxa cambial; a política de remuneração e de incentivo aos seus funcionários, pouco usual para a época e para o tipo de negócio (ALEXANDRE, 2016).

As práticas que envolviam diretamente o trato com os clientes foram citadas com frequência nas entrevistas com os antigos representantes da livraria, quer pelos seus ex-clientes e amigos (VOGEL, 2017; JOSE NETO, 2016; XEXEO, 2016). As encomendas¹³ eram uma forma efetiva de criar laços com a clientela, e além de contribuir para satisfazer as mais variadas demandas, elas mostraram ser ferramentas de fidelização e fonte abundante de pesquisa sobre os interesses dos exigentes clientes.

O conhecimento acumulado sobre os clientes era utilizado também para fazer encomendas por conta da casa, pensando nos interesses específicos de cada freguês. Iniciativa, dentre outras, que configurava uma espécie de serviço contínuo de consultoria bibliográfica (ALEXANDRE, 2016) e a guiava na percepção de ciclos culturais em voga entre a intelectualidade brasileira.

[...] escolhia para coincidir com o momento cultural do Brasil na época. Depois a pessoa dizia: “- Só aqui encontrei este livro! Em São Paulo andei em todas as livrarias. Em Curitiba...”. A escolha era um critério cultural meu, mas coincidia com o momento cultural do país (PIRACCINI, 2016, grifo nosso).

O sistema de contas, outra prática consagrada na Da Vinci, chegou a ter mais de quatro mil cadastrados; em seus últimos anos contava com aproximadamente mil e oitocentos indivíduos, entre clientes ativos e inativos. Consistia num sistema de pagamento fracionado, implementado na gestão do Sr. Andrei, que permitia que o cliente dividisse o valor da compra em parcelas, sendo três vezes a forma mais usual.

Conforme relatos de dois ex-gerentes (GOULD, 2016; VOGEL, 2017), o sistema de contas carregava uma carga simbólica significativa, uma espécie de “código de acesso” a um território desejado, mas ainda inacessível para alguns. Consequentemente as contas, além de incentivar o consumo, funcionavam como uma eficiente estratégia de publicidade, tornando-se um “traço de iniciação” apreciado dentro do campo de produção intelectual e acadêmica carioca.

¹³ Chegaram a representar 50% do faturamento da livraria (PIRACCINI, 2016).

Assim como suas políticas administrativas e práticas comerciais, a relação que a “casa” criou e soube cultivar com indivíduos e instâncias de poder institucionalizadas tiveram um papel significativo em sua trajetória. Diplomática no trato e democrática quanto ao catálogo ofertado, a livraria certificava-se de que os clientes encontrassem desde os pensadores mais críticos àqueles simpáticos ao regime militar e à influência norte-americana no país.

Outro aspecto notável na história da livraria é a relação de proximidade que foi construída com a imprensa. No conteúdo dos principais jornais cariocas, constantes da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, salta aos olhos a visibilidade¹⁴ concedida ao estabelecimento, principalmente no *Jornal do Commercio* das décadas de 1950 e 1960, no *Jornal do Brasil* das décadas de 1970 e 1980 e no *Jornal O Globo*, em décadas mais recentes.

A Leonardo da Vinci e a livraria Vanna Piraccini aparecem como matéria prima tanto para as crônicas sobre o universo intelectual da cidade e seus clientes ilustres, muitas das quais¹⁵ de autoria de Carlos Drummond de Andrade, quanto para acontecimentos dignos das colunas dedicadas à literatura ou a vida social¹⁶, além das matérias jornalísticas sobre o mercado de importação e livreiro¹⁷.

Além do catálogo e do atendimento, seria uma lacuna não considerar a relação com indivíduos¹⁸ bem posicionados no ambiente político e artístico-intelectual de ambos os espectros ideológicos na sobrevivência da casa, principalmente durante a ditadura militar, assim, como a relação que estabeleceu com a imprensa, na construção de narrativas que a celebrizaram, coroando o lugar de prestígio que a Da Vinci ocupou na memória¹⁹ de parte da intelectualidade carioca.

Capital simbólico e consagração

¹⁴ Na década de cinquenta e sessenta os anúncios se concentram no *Jornal do Commercio* e nas duas décadas seguintes no *Jornal do Brasil*, quando a publicidade passou a ser feita dentro do conteúdo editorial do jornal, nas seções dedicadas aos livros, mercado editorial ou eventos da cidade.

¹⁵ Entre as crônicas de Carlos Drummond de Andrade estão *Livrarias Cariocas* de 10 de dezembro de 1974 e *A avenida e os Cegos* de 09 de janeiro de 1987, e a nota *Cultura* na coluna *Mirante* de 17 de abril de 1982, todas publicadas no *Jornal do Brasil*.

¹⁶ Como exemplo em 30 de setembro de 1959, no *Jornal do Correio da Manhã*, na coluna de José Condé é publicada nota sobre o lançamento de um livro de poemas de Alexandre Djukitch na Leonardo da Vinci. Durante o ano de 1967 podem ser encontradas variadas notinhas relacionadas à livraria na coluna de Léa Maria, aos sábados no Caderno B e durante a década de setenta, na coluna do Zózimo Barroso Amaral, ambas no *Jornal do Brasil*.

¹⁷ Como exemplos a reportagem do dia 19 de janeiro de 1980 intitulada *Caro como o caviar: o livro importado cada vez mais um luxo, não um supérfluo* e a reportagem de capa sobre a livraria e a Dona Vanna na seção *Mercado* do dia 28 de janeiro de 1989, ambas publicadas no *Jornal do Brasil*.

¹⁸ Entre eles podemos citar Carlos Lacerda, Fernando Gabeira, Leandro Konder, Renato Lessa, Santiago Dantas, Manuel Barros da Motta, Senador Arnon de Mello, Coronel Malvino Reis, Cândido Mendes.

¹⁹ Memória segundo Pierre Nora (1993, p.9).

Segundo a percepção de agentes do campo artístico-intelectual e acadêmico da cidade, aqui representados pelos diferentes perfis de entrevistados ligados direta ou indiretamente à Da Vinci, a livraria ocupou uma posição privilegiada entre aqueles lugares que “produziram”, incentivaram e abrigaram a produção de bens simbólicos de algumas gerações de literatos, intelectuais e acadêmicos na cidade do Rio de Janeiro.

De acordo com Pierre Bourdieu (1996), no campo de produção de bens simbólicos, existe uma fragmentação dos empreendimentos culturais em duas categorias distintas. De um lado os “empreendimentos culturais com ciclo de produção curto”, voltados ao acúmulo de ganhos financeiros a curto prazo, e aqueles com “ciclos de produção longo”, geralmente dedicados aos próprios produtores do campo e com a perspectiva de ganhos financeiros a longo prazo.

Embora a obra de Bourdieu (1996) refira-se especificamente às editoras e às galerias de arte - e as livrarias não costumam ser consideradas empreendimentos culturais, por se tratarem de um elo voltado exclusivamente à venda e distribuição da mercadoria-livro - propõe-se que a Livraria Leonardo da Vinci possa ser enquadrada no horizonte de análise bourdieusiano, ao ser enquadrada como um local de produção ou fomento da produção bens simbólicos.

A partir deste espectro de análise, a Da Vinci poderia ser considerada um empreendimento cultural de ciclo longo, ainda que não alcance todos os critérios definidos pelo autor, já que a livraria se consolidou no campo dos “produtores para produtores” (BOURDIEU, 1996, p.169) sem abdicar de algumas ferramentas de vendas utilizadas pelas empresas voltadas à produção cultural de ciclo curto.

A Da Vinci soube preservar certa autonomia na composição do catálogo, sem desconsiderar obras e autores com potencial de retorno financeiro, o aspecto comercial do empreendimento. Obteve, por competência ou afeto, tanto a simpatia de intelectuais e figuras acadêmicas proeminentes - sem falar na numerosa lista de clientes anônimos - quanto da imprensa, numa relação duradoura que foi sendo atualizada ao longo de décadas, de acordo com as práticas e os modismos vigentes.

O êxito simbólico e econômico da produção de ciclo longo depende (pelo menos em seus começos) da ação de alguns "descobridores", isto é, dos autores e dos críticos que fazem a editora dando-lhe crédito (pelo fato de ali publicar, de fornecer-lhe manuscritos, de falar favoravelmente de seus autores etc.), e também do sistema de ensino, único capaz de oferecer, a prazo, um público convertido [...] (BOURDIEU, 1996, p. 168-169, grifo do autor).

É fácil identificar entre muitas personalidades, uma dessas figuras capazes de trazer, ao mesmo tempo, legitimidade e popularidade à “casa”. Um de seus “descobridores” (BOURDIEU, 1996, p.168-169), uma espécie de padrinho oficialmente instituído, sem dúvida, foi Carlos Drummond de Andrade, com uma dezena de menções, entre crônicas e notas, sobre a casa, os livreiros proprietários e suas visitas cotidianas. Assim como a Livraria Garnier tinha em Machado de Assis um “compadre” muito próximo (REIS, 2004), a Da Vinci obteve o afeto, a confiança e a assiduidade do poeta por muitos anos.

Além do poeta, a clientela que frequentava a livraria era composta de indivíduos consagrados em suas áreas de atuação, entre muitos escritores, artistas e políticos. Figuras de diferentes gerações e atividades profissionais - tais como Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima), Santiago Dantas, Jorge Amado, Glauber Rocha, Lygia Fernandes Telles, Décio Pignatari, Golbery do Couto e Silva - frequentaram o espaço.

Se os clientes consagrados em seus campos atuaram como “avalistas” da livraria, a presença dos acadêmicos na lista dos clientes assíduos - entre estudantes e docentes - foi imprescindível a sustentação, segundo a análise de Bourdieu. A clientela formada por acadêmicos em diferentes estágios da vida escolástica, conhecidos geralmente entre seus pares, também era volumosa, entre os quais: Eduardo Portela, Cândido Mendes, Sergio Paulo Rouanet, Willian Gonçalves, Arno Vogel, Melo Fonder.

Dentre os diferentes perfis de clientela a dinâmica era similar: existiam, entre os frequentadores, aqueles que conferiam prestígio à “casa” e aqueles que a frequentavam em busca desta legitimação, à procura desse capital simbólico (BOURDIEU, 1996) extrínseco às obras vendidas.

Este “círculo virtuoso” garantiu não só a frequência “qualificada” durante décadas, como proporcionou o acúmulo de ganhos financeiros a partir da segunda metade da década de 1970, outra característica em alinhamento com os empreendimentos culturais de ciclo longo, segundo Bourdieu (1996, p. 170-171). Foi também neste período que a livraria passou a ser conhecida e reconhecida por indivíduos alheios ao ambiente de produção cultural erudita, conferindo uma alta carga de significado simbólico aos livros vendidos e à clientela frequentadora.

Considerações finais

Por fim, pode-se concluir que os elementos centrais da história da Livraria Leonardo da Vinci não se limitaram à elaboração do catálogo, diverso e qualificado, nem à figura da livreira no comando. A diferenciação da Da Vinci também se revelou em muitas das iniciativas e práticas cotidianas, ligadas à forma peculiar de condução do negócio, aspectos corriqueiramente invisíveis aos olhos dos menos atentos. A longevidade alcançada e o espaço de prestígio ocupado pela livraria na segunda metade do século XX e início do século

XXI (1952-2016), demonstraram estar baseados num emaranhado de fatores intrínsecos e extrínsecos ao negócio da livraria.

As iniciativas, quando reunidas, apresentam um mosaico de práticas e atividades que estão na base de sua consagração: ao incentivar a criação de laços entre os funcionários; ao prestar um serviço de consultoria bibliográfica prévia; ao fortalecer a política de encomendas, que provou ser um sistema eficiente de pesquisa sobre os interesses dos clientes. Ao privilegiar o sistema de contas que significava crédito e acesso aos livros, até então indisponíveis, para uma parcela da população interessada; ao adotar uma estratégia de divulgação inovadora e na construção e manutenção de relações amistosas com as instâncias de poder institucionalizadas, na esfera política, intelectual, artística e midiática. E, sobretudo, ao alimentar o “burburinho” em torno do subsolo da Avenida Rio Branco, 185.

Embora exista, entre os entrevistados, a sensação de um encerramento simbólico da livraria, e com ela uma fase áurea do varejo livreiro carioca e nacional, é improvável, e não aconselhável, o apagamento da trajetória de importante “universidade de milhares de cursos, professores e laboratórios, enriquecidos com museus e órgãos criativos” (ANDRADE, 1982) localizada temporalmente na segunda metade do século XX e início do século XXI, na cidade do Rio de Janeiro. Este artigo procurou, entre outros propósitos, contribuir para que parte desta memória fosse registrada, conhecida e celebrada.

Artigo recebido em 20 jul. 2017.

Aprovado para publicação em 26 set. 2017.

Referências

ALEXANDRE, Renato. *Renato Alexandre*: depoimento[nov. 2016]. Entrevistador: Flávia Maria Zanon Baptistini. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp3 (90 min.). Entrevista concedida à pesquisadora.

ANDRADE, Carlos Drummond. Aquela livraria. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1973. p. 5.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Livrarias cariocas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 dez. 1974.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Cultura. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1982, Caderno B.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A avenida e os cegos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 jan. 1987.

BRAGANÇA, Aníbal. *Eros pedagógico: a função editor e a função autor*. 2001. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CABRAL, Severino. *Severino Cabral: depoimento* [12 nov. 2012]. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2012. Entrevista concedida ao projeto Os livros e a vida literária no Rio de Janeiro da Biblioteca Nacional.

CABRAL, Severino. *Severino Cabral: depoimento* [nov. 2016]. Entrevistador: Flávia Maria Zanon Baptistini. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp3 (60 min.). Entrevista concedida à pesquisadora.

CARO como o caviar: o livro importado cada vez mais um luxo, não um supérfluo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 jan, 1980. Diário.

CARDOSO, Margarete. *Margarete Cardoso: depoimento* [nov. 2016]. Entrevistador: Flávia Maria Zanon Baptistini. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp3 (90 min.). Entrevista concedida à pesquisadora.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 1950-1959. Diário.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 1973-1974. Diário.

COSTA, Mario Sergio Santos da. *Mario Sergio Santos da Costa: depoimento* [nov. 2016]. Entrevistador: Flávia Maria Zanon Baptistini. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp3 (90 min.) Entrevista concedida à pesquisadora.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 1973-1974. Diário.

DUCHIADE, Florin Piraccini. *Florin Piraccini Duchiate: depoimento* [nov. 2016]. Entrevistador: Flávia Maria Zanon Baptistini. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp3 (60 min.) Entrevista concedida à pesquisadora.

DUCHIADE, Milena Piraccini. *Milena Piraccini Duchiate: depoimento* [nov. 2012]. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2012. Entrevista concedida ao projeto Os livros e a vida literária no Rio de Janeiro da Biblioteca Nacional.

DUCHIADE, Milena Piraccini. *Milena Piraccini Duchiate: depoimento* [out. 2016]. Entrevistador: Flávia Maria Zanon Baptistini. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp3 (240 min.) Entrevista concedida à pesquisadora.

GERLACH, Markus. *Proteger o livro: desafios culturais, econômicos e políticos do preço fixo*. Rio de Janeiro, Liga Brasileira de Editores, 2006.

GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 62-77, 1993.

GOULD, George. George Gould: depoimento [dez. 2016]. Entrevistador: Flávia Maria Zanon Baptistini. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp3 (120 min.) Entrevista concedida à pesquisadora.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tupy Kurumin, 2006.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 1970-1979. Diário.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 1980-1989. Diário.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 28 jan.1989. Seção Mercado.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 1950-1959. Diário.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 1960-1969. Diário.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 8 dez. de 1976. Junta Comercial.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 5 jul. de 1977. Junta Comercial.

JOSÉ NETO, Alfredo. *Alfredo José Neto*: depoimento [nov. 2016]. Entrevistador: Flávia Maria Zanon Baptistini. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp3 (120 min.) Entrevista concedida à pesquisadora.

LUCAS, Gilda de Almeida. *Gilda de Almeida Lucas*: depoimento [dez. 2016]. Entrevistador: Flávia Maria Zanon Baptistini. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp3 (120 min.) Entrevista concedida à pesquisadora.

MACHADO, Ubiratan. *História das livrarias cariocas*. São Paulo: Edusp, 2012.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

PAUL, Danielle Rosa. *História em catálogos: um estudo da política editorial Zahar de 2001 a 2014*. 2015. Dissertação (Mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2015.

PIRACCINI, Vanna. *Vanna Piraccini*: entrevista [1998]. 1 CD. Disponível no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

PIRACCINI, Vanna. *Vanna Piraccini*: depoimento [nov. 2016]. Entrevistador: Flávia Maria

Zanon Baptistini. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp3 (240 min.) Entrevista concedida à pesquisadora.

REIS, Rutzkaya Queiroz dos. Machado de Assis e Garnier: o escritor e o editor no processo de consolidação do mercado editorial. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004, Niterói. *Anais ...* Niterói: UFF, 2004.

SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. *Vicente Saul Moreira dos Santos*: depoimento [nov. 2016]. Entrevistador: Flávia Maria Zanon Baptistini. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp3 (120 min.) Entrevista concedida à pesquisadora.

THOMPSON, John B. *Mercadores de cultura*. São Paulo: Unesp, 2013.

VOGEL, Arno. *Arno Vogel*: depoimento [fev. 2017]. Entrevistador: Flávia Maria Zanon Baptistini. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp3 (120 min.) Entrevista concedida à pesquisadora.

XEXEO, Pedro. *Pedro Martins Xexeo*: depoimento [nov. 2016]. Entrevistador: Flávia Maria Zanon Baptistini. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp3 (90 min.) Entrevista concedida à pesquisadora.